

VELHOS TRONCOS BRASILEIROS

V - Os Lopes, de Rio Grande, RS

A história dos meus antepassados é um pouco nebulosa, são mais tradições de família do que fatos documentados. Segundo a tradição, a família Lopes ter-se-ia originado de um imigrante português que saiu de Trás-os-Montes no final do século XVIII e naufragou na costa do Rio Grande. Seu nome era João Antônio Lopes, e seu apelido, João Marinheiro. Consta que ele se transformou num mascate, negociou naquelas barrancas da lagoa dos Patos e mais tarde se instalou na cidade do Rio Grande, onde se tornou um grande comerciante exportador. Adquiriu propriedades, criou família e quando morreu já era um homem abastado.

Sabe-se que João Marinheiro casou-se com Maria Correia, prima e cunhada de Domingos Faustino Correia, um latifundiário cujo testamento até hoje é discutido nos tribunais do Brasil e do Uruguai. Houve processos intermináveis, pois as imensas áreas de terra que ele deixou pertencem a quase todo o mundo que nasceu no Rio Grande. Mas João Marinheiro e Maria Correia⁽¹⁾ tiveram sete filhos: Cândido, João, José, Leonor⁽²⁾, Martiniana, Antônio e Francisco Antônio Lopes, meu avô.

Sobre meu avô, que faleceu em 1907 na cidade do Rio Grande, sei que foi vereador e coronel da Guarda Nacional. Consta ainda que foi agraciado antes de morrer com o título de Barão de Tapes, mas isto também é uma tradição de família que nunca consegui comprovar. Casou-se com Ana Leocádia, filha de José Rodrigues de Azevedo Machado, Barão de Azevedo Machado. [...]

Meu pai, Francisco Antônio Lopes Filho, teve seis irmãos.⁽³⁾ A primeira, Alice, casou-se com Carlos Laudares, médico nascido em Minas Gerais que foi para o Rio Grande do Sul e lá criou uma família numerosa. O segundo, Alfredo Lopes, casado com Isolda Correia, por ser o irmão homem mais velho, ficou como chefe da família e durante anos foi o guardião das tradições. Sempre viveu no Rio Grande, onde foi diretor da fábrica de tecidos, a coisa mais importante que havia na cidade. Era ele quem orientava, mesmo de longe, a vida de meu pai.

O terceiro irmão era Antônio Carlos Lopes, casado com Estela Reis, sem filhos. Foi uma figura muito interessante. Foi o criador do primeiro Tiro de Guerra, que era a escola militar da época, na cidade do Rio Grande. Escreveu um livro chamado *Fuzil brasileiro*, que era a descrição do fuzil Mauser 1908. [...] Antônio Carlos Lopes foi também o iniciador da idéia de uma fábrica de cimento no Rio Grande. Pesquisou calcário e durante anos lutou para que se usasse o carvão nacional nas locomotivas, empregando-se uma grelha móvel da qual tirou patente. [...]

Depois de Antônio Carlos vinha Eduardo Lopes, que mudou-se para Minas, onde se casou com Umbelina Campos, filha do Barão de Itapecerica. Também não teve descendentes. Não sei bem qual foi a razão da sua mudança para Minas. Tenho a impressão de que era ligado à agricultura, embora não saiba se chegou a ser fazendeiro no Sul. A família de sua mulher, em Minas, tinha propriedades e vivia na área de Itapecerica e Cláudio. Ele ficou amigo de João Pinheiro, que foi presidente do estado, e auxiliou-o em muitas coisas. Acompanhou a construção de Belo Horizonte,

